Futuros em periódicos: utopias, distopias e expectativas na imprensa brasileira entre 1970 e 1990

Pedro Eurico Rodrigues[1]

Resumo: Procura-se entender neste trabalho, de que forma a questões sobre o futuro promovido pela popularização da Microeletrônica em forma de bens de consumo foram se modificando ao longo das décadas de 1970 a 1990. Por meio da imprensa brasileira, pretende-se embasar a pesquisa nos periódicos O Estado de São Paulo e a Revista Veja. É salutar entender que a intenção de pesquisar a imprensa se faz com o intuito de encontrar nuances destes futuros possíveis, pois ao mesmo tempo nos periódicos pesquisados podem não apresentar as questões vindas do presente. Entretanto é uma intenção de encontrar a presença neste objeto, já que estas ideias de futuro são encontradas em outros meios como a literatura, a música e o cinema do período, que possivelmente podem ser documentos que auxiliarão a delinear o trabalho. A partir da Revolução Microeletrônica início da década de 1970, vários bens de consumo foram introduzindo nas camadas altas (e posteriormente nas camadas baixas) da sociedade brasileiras. Contudo estas novas tecnologias, para além de seus conectores, fusíveis e placas de silícios, geraram sonhos e expectavas das mais variadas, provocando a aproximação e o afastamento do(s) futuro(s) possíveis (utópicos e distópicos). Estes questionamentos são abordados na perspectiva Tempo Presente, que possibilita pensarmos um passado-presente, onde os recuos e aproximações com os documentos são possibilitados pelas escolhas do historiador que problematiza este presente.

Palavras Chave: Futuro, Revolução Microeletrônica, Periódicos.

> Antes mundo era pequeno/Porque Terra era grande/Hoje mundo é muito grande/Porque Terra é pequena/Do tamanho da antena/Parabolicamará (GIL, 1992).
>
> Eu quase posso falar/A minha vida é que grita/Emprenha se reproduz/Na velocidade da luz/A cor do sol me compõe/O mar azul me dissolve/A equação me propõe/Computador me resolve/Astronauta... MUTANTES, 1968).

A diminuição das distâncias anunciadas pelo cantor e compositor Gilberto Gil em 1991 é praticamente a mesma diminuição das distâncias que as empresas de telefonia móvel prometem em nosso presente. Já a música dos Mutantes de 1969 apresenta um "horizonte de expectativa" (KOSELLECK, 2006) onde as equações são resolvidas pelo computador. Ambas as músicas são produtos de tempos de aceleração, de acelerações da história (NORA, 1993). A última estabelece grande relação com a corrida espacial promovida pelas potências econômicas EUA e URSS, convencidas que nos tempos vindouros como o ano de 2001 as

[1] Mestre em História, Doutorando pela Universidade de São Paulo (USP).
E-mail: pedro.eurico.rodrigues@gmail.com.

tecnologias microeletrônicas seriam o cerne das questões, bem como, dialoga com o filme de Ficção Cientifica de Stanley Kubrick "2001: uma odisseia no espaço" de 1968, que aborda o futuro ultra tecnológico na virada do século XXI. Já a "Parabolicamará" de Gilberto Gil está relacionada com o tempo do imediatismo anunciado, onde podia-se assistir uma guerra praticamente "ao vivo" pela televisão, por meio também das populares antenas parabólicas, como foi caso da Guerra do Golfo de 1990: a conhecida guerra do "Vídeo Game". Graças aos investimentos na microeletrônica[2] foram possíveis os cenários anunciados em certa medida, no século que se aproximava. Ao menos a diminuição das distâncias e a resolução de equações cotidianas são feitas por meio do computador.

A Globalização promoveu para além das transações financeiras, as transações de pessoas e de informação, possibilitada por tecnologias que se tornam descartáveis e obsoletas pautadas no tempo cronoscópio (VIRILIO, 1994 p.110). Esse tempo saturado de "agoras" como sugere Walter Benjamin (1987, p. 222-233), desperta vontades de consumo, pois se faz uma necessidade de não estar à margem de todo o processo da Globalização.

O poder de consumo é uma variável que cresceu para o aumento destas novas tecnologias nas mãos do brasileiro comum. Hoje o acesso ao telefone celular e ao computador não são mais uma distinção social. No presente o ônibus do centro e o ônibus da periferia tem praticamente o mesmo número de passageiros com celulares em punho diminuindo as distâncias. É importante evidenciar que hoje a distinção social está posta em marcas destes aparelhos, entretanto o acesso se dá praticamente da mesma forma, uns com mais ou menos entretenimento. Essas novas tecnologias despertam fetiches ao consumidor, que em pouco espaço de tempo se vê envolto a um leque de opções, tamanho, cores, funções, o que faz com que o descarte e a obsolescência sejam os pilares do consumo frenético. O mercado mudou, o público mudou, pois o mundo se tornou pequeno como salienta a música de Gilberto Gil.

E quando o mundo era grande o brasileiro tinha acesso a quais tecnologias? Como se deu o acesso aos primeiros computadores domésticos e mais recentemente aos primeiros celulares? Quando a tecnologia sai das páginas dos livros, filmes e séries de ficção científica, e até mesmo da música e passam a virar parte do cotidiano dos brasileiros? A relação entre o homem e a tecnologia acompanha o próprio tracejado da história da humanidade; o lascar das

[2] O termo microeletrônica está e acordo o que propõe o historiador Francisco de Assis de Queiroz em sua tese publicada em 2007, quando caracteriza o momento da revolução microeletrônica em seu livro abordando as influências desta na sociedade brasileira, entre os percursos e os percalços. Segundo o autor a revolução (micro)eletrônica "tem contribuído com uma profusão de ideias e concepções sobre a realidade contemporânea, sendo consideráveis seus reflexos e produtos, seja do rádio, da televisão ou, mais recentemente, dos computadores" (p.19). Pretende-se aqui estabelecer esta relação com a microeletrônica.

primeiras pedras e o domínio do fogo lá no continente africano, no início dos processos de hominização, são claros exemplos disso. As vontades de tecnologias - do novo -, sempre motivou homens e mulheres a facilitar suas vidas por meio de técnicas e conhecimento que ampliem seus espaços de experiência. Para Reinhart Koselleck (2006), o espaço de experiência pode ser definido como uma forma de experienciar o passado.

As vontades de tecnologia no Brasil podem ser remontadas desde o Império, onde o próprio Imperador Dom Pedro II manda instalar o telefone no Rio de Janeiro após visitar uma feira onde foi apresentado ao aparelho por Graham Bell, seu inventor (QUEIROZ, p.97 2007), mostrando já o uso da tecnologia como distinção entre classes. Porém é no pós segunda guerra que as tecnologias microeletrônicas entram no cotidiano do brasileiro, com a Revolução Microeletrônica e um novo "horizonte de expectativas" (KOSELLECK, 2006 p. 68) se anuncia. Para Koselleck o "horizonte que dizer aquela linha por trás da qual se abre no futuro um novo espaço de experiência, mas um espaço que ainda não pode ser contemplado" (KOSELLECK, 2006 p.311). Ao abordar o tema revolução Koselleck mostra que o conceito de "revolução" não se faz mais a partir do movimento circular, onde a mudança estabelecia-se novamente. A revolução prometida modifica a organização e inaugura um novo tempo, linear, de novas práticas e novas mudanças, pois um novo "horizonte de expectativa" é anunciado, como foi o caso da Revolução Francesa, que estabelecia uma ruptura com Antigo Regime.

A Revolução Microeletrônica (datada de 1970) trouxe com ela expectativas, sonhos de um futuro, de décadas que possivelmente seriam "salvas" pela tecnologia, principalmente as décadas seguintes, 1980 e 1990:

> (...) tudo o que a tecnologia eletrônica e microeletrônica propiciou em termos de incremento das comunicações, tudo veio carregado de promessas no sentido de integrar o país, erradicar o mal crônico do analfabetismo através da teleeducação, da Universidade do Ar, constituindo-se, em suma, estes meios, em veículos de entretenimento, educação e informação (QUEIROZ, p.113 2007).

A introdução de equipamentos eletrônicos e microeletrônicos no cotidiano dos brasileiros, pode facilitar os trabalhos mentais, as tecnologias passaram a exercer a esta função de "resolver equações" mentais. É neste momento que o entretenimento vem à tona devido as facilidades que as tecnologias proporcionaram. É importante inferir que há dentro deste entretenimento\acesso uma séria questão de classe, na qual uma pequena parcela da população faz usufruto das "tecnologias de ponta" nestes primeiros momentos, vindo com a sua popularização nas décadas seguintes.

Ao mesmo tempo, passa-se a imaginar o futuro, busca-se uma utopia ligada ao consumo trazendo as tecnologias como sinônimo de progresso, no jogo binário, onde os que estão atrasados são os que não tem tecnologia. Imaginam-se dois futuros possíveis: o utópico e o distópico. Dentro das utopias e distopias o cinema traz as imagens destes cenários, com é o caso do Filme *De Volta para o Futuro II*[3], que aborda o ano de 2015 com carros voadores, hologramas como outras tecnologias que positivaram o futuro. Já os filmes como *Blade Runner o Caçador de Androides*[4] e *Mad Max*[5], trazem futuros distópicos onde a tecnologia trouxe exclusão social ainda maior gerando inclusive uma não presença do estado, onde a sobrevivência, mesmo que com a tecnologia, é o cerne das questões. Por meio do cinema pode-se verificar uma mentalidade dos períodos sobre como encaram os futuros possíveis das tecnologias. Assim como o cinema, a literatura[6] foi fundamental para a construção desse "horizonte de expectativa", de Júlio Verne, na segunda metade do século XIX, e Isaac Asimov no início do XX, perpassando por George Orewell e Douglas Adams ao longo do século XX[7]. Segundo Koselleck estas expectativas estão atreladas a uma vontade de futuro que ainda não foi experimentada, para além da esperança, como cita o autor:

> Algo semelhante se pode dizer da expectativa: também ela é o mesmo tempo ligada à pessoa e ao interpessoal, também a expectativa se realiza no hoje, é futuro presente, voltado para o ainda-não, para o não experimentado, para o que apenas pode ser previsto. Esperança e medo, desejo e vontade, a inquietude, mais também a análise racional, a visão receptiva, ou a curiosidade fazem parte da expectativa, e a constituem. (KOSSELECK, 2006 p. 210)

[3] DE VOLTA PARA O FUTURO: parte II. Direção Robert Zemeckis. Produção: Neil Canton e Bob Gale. EUA: Universal Pictures, 1989. Cor. 108 min.
[4] BLADE RUNNER: O caçador de Andróides. Direção: Ridley Scott. Produção: Michael Deeley. EUA: Warner, 1982. Cor. 118 min. DVD 3 discos Edição Especial. 2007.
[5] MAD MAX. Direção: George Miller. Produção: Byron Kennedy. Austrália: Warner, 1979. Cor, 92 min. DVD 1 disco Edição Especial de Colecionador, 2005.
[6] Sobre este tema verificar "História e Utopia Tecnotrônicas" In: QUEIROZ, Francisco de Assis. A Revolução Microeletrônica: Pioneirismos e utopias tecnotrônicas. São Paulo: Annablum; Fapesp, 2007 p. 33-52. Aqui o autor aborda como a literatura foi capaz de inspirar cientistas ao longo do século XIX e XX a criarem suas tecnologias, além destas proporem utopias possíveis para as tecnologias.
[7] Júlio Verne escritor de ficção cientifica francês do século XIX (1829-1909) autor de várias obras entre ela Vinte Mil Léguas Submarinas (1870), onde aborda o uso de várias novas tecnologias. Isaac Asimov escritor de ficção científica russo (1920-1992), teve várias obras exaltando a importância das tecnologias, entre elas o livro Eu Robô (1950), que aborda a interação de homens e robôs, o autor inclusive criou leis da robótica que garantem relações entre humanos e robôs sem danos. Adams Douglas escritor de ficção científica inglês (1952-2001), entre as suas publicações mais famosas está a série do Guia do Mochileiro das Galáxias (1979-1992), uma ficção científica pautada na comédia criticando a sociedade do período.

Estes futuros abordando as tecnologias não restringiram-se as artes, o consumo soube muito bem apelar para estas questões, sobremaneira as propagandas e comerciais televisivos que traziam em seus produtos a promessa de futuro. Ao voltar-se para os periódicos, por exemplo, pretende-se verificar estas noções de futuro em matérias, crônicas e propagandas, a inserção destas tecnologias no cotidiano do brasileiro. Tendo em vista que os jornais são escritos da ordem do dia, efêmeros e cheios de anedotas, se faz por meio deles uma aproximação com o que é de interesse nas e para as épocas que estes se efetivam no mercado, pois um jornal não sobrevive sem um público. As leituras provenientes dos jornais ajudam a construir representações de futuros possíveis acerca das tecnologias, dentre outros assuntos. Roger Chartier (2009) lembra a questão da representação para a escrita da história, que de certa forma faz emergir uma historiografia dedicada aos estudos de representações possíveis de uma dada realidade, ou seja, entendendo representação como uma das tantas realidades possíveis. O cientificismo historiográfico tão caro aos historiadores do século XIX propunha *o resgate* do passado, acreditando ser possível traduzir na forma de texto a realidade de sociedades passadas: descrevê-las e apresentá-las tal como ocorridas. O que Chartier traz com a concepção de representação é justamente a ideia de não ser possível escrever, através da escrita da história, uma única realidade, mas sim trazer à tona nas narrativas historiográficas representações deste passado.

Essa problemática vem ao encontro dos pressupostos do Instituto de História do Tempo Presente (IHTP), em que o presente próximo torna-se objeto de estudo para os historiadores a partir dos anos 1970 na França. A História do Tempo Presente vem tentando enfrentar esses problemas do presente, porém não foi a primeira a trabalhar nesta perspectiva. Já foram percebidas estas urgências do presente na primeira geração dos *Annales*, com Lucien Febvre e Marc Bloch, em 1929, e, desde então, vê-se um crescente nas pesquisas e nas metodologias ancoradas no presente. O primeiro afirmava que "a análise do presente" podia dar "a régua e o compasso" à pesquisa histórica (FEBVRE apud CHAUVEAU e TÉTART, 1999, p. 10), já o segundo escrevia: "a incompreensão do passado nasce afinal da ignorância do presente" (BLOCH apud CHAUVEAU e TÉTART, 1999, p. 10). Com a criação do IHTP é vista a emergência dos "retornos" do político, do fato, e dos testemunhos do tempo mais próximo, principalmente os do pós-guerra. O intuito do IHTP estava atrelado à defesa do campo historiográfico, pois em 1963 o jornalista Jean Lacouture escreve "A história imediata", livro que traz um compêndio de pesquisas com recortes temporais próximos (particularmente os anos 1930 e o pós-guerra) (CHAUVEAU e TÉTART, 1999, p. 13). Jean-

Pierre Rioux lembra que as vanguardas da História do Tempo Presente, por muito tempo, estavam atreladas aos historiadores do político e coloca as implicações para "Bom senso do artesão" do Tempo Presente:

> A história do tempo presente, como vemos, nasceu sem dúvida bem mais de uma impaciência social do que de um imperativo historiográfico, pelo menos na França. E os historiadores do recente, nadando na indolência conceptual assinalada há pouco, mas bastante bem garantidos sobre suas retaguardas sociais, fizeram bonito, no final das contas, martelando o bom senso do velho artesão, metodologicamente pouco sofisticado mas passavelmente percuciente: o argumento da "falta de recuo" não se sustenta, dizem eles, pois é o próprio historiador, desempacotando sua caixa de instrumentos e experimentando suas hipóteses de trabalho, que cria sempre, em todos os lugares e por todo o tempo, o famoso "recuo" (RIOUX, 1999, p. 43).

A História do Tempo Presente auxilia a tentar ao menos pensar historicamente estes processos, estas novas formas de se relacionar com o tempo. Sevcenko (2001, p. 17), nesse sentido, reflete sobre a aceleração guiada pela montanha russa, nos seguintes termos:

> Sendo assim, sentindo-nos incapazes de prever, resistir ou entender o rumo que as coisas tomam, tendemos a adotar a tradicional estratégia de relaxar e gozar. Deixamos para pensar nos prejuízos depois, quando pudermos. Mas o problema é exatamente esse: no ritmo em que as mudanças ocorrem, provavelmente nunca teremos tempo para parar e refletir, nem mesmo para reconhecer o momento em que já for tarde demais (SEVCENKO, 2001, p. 17).

A partir da Revolução Microeletrônica início da década de 1970, vários bens de consumo foram introduzindo nas camadas altas (e posteriormente nas camadas baixas) da sociedade brasileiras. Contudo estas novas tecnologias, para além de seus conectores, fusíveis e placas de silícios, geraram expectavas das mais variadas, provocando a aproximação e o afastamento do(s) futuro(s) possíveis (utópicos e distópicos). Procura-se entender de que forma estas expectativas foram se modificando, e quais futuro(s) foram pensados por meio da imprensa brasileira nas décadas de 1970, 1980 e 1990 ao se tratar dos usos da tecnologia.

É salutar entender que a intenção de pesquisar a imprensa se faz com o intuito de encontrar nuances destes futuros possíveis, pois ao mesmo tempo nos periódicos pesquisados podem não apresentar as questões vindas do presente. Entretanto é uma intenção de encontrar a presença neste objeto, já que estas ideias de futuro são encontradas em outros meios como a literatura, a música e o cinema.

Os jornais e revistas, por boa parte do século XX foram os principais meios de informação. Por meio deles era possível "ver" as notícias de forma mais cômoda, a qualquer hora do dia, ao contrário do rádio com a sua programação especifica. Os periódicos traziam consigo vários protocolos de escritas: crônicas, reportagens, piadas, charges, propagandas, editorial, entre outros. Através destes protocolos, pode-se verificar o que se lia, a quem se escrevia, quem escrevia, por exemplo. De fato são escritas cotidianas, efêmeras, cabe ao profissional da história transformar estas "enciclopédias do cotidiano" (DE LUCA, 2010 p.112) em fontes para escrita da história.

Assim faz-se relevante tentar perceber de que forma os "horizontes de expectativas", as utopias, as distopias relacionadas as (micro)eletrônica aparecem (ou não) no contexto das décadas de 1970, 1980 e 1990. Presume-se que neste momento a inserção destes novos mecanismos no cotidiano de milhares de brasileiros possibilite visões de futuro das mais variadas, já que estas visões aparecem na literatura, no cinema e até mesmo na música.

No entanto irei pensar nas escritas dos jornais como "espaços de experiências" onde suas escritas reproduzem os anseios de quem as escreve, gerando assim possíveis "horizontes de expectativas" acerca das tecnologias, buscando tornar esses anseios em objetos para a história, ou seja, fazer deste horizontes, utopias e distopias espaços de experiência para a história. Segundo Koselleck:

> Nesse sentido, a expectativa também pode ser o objeto de experiência. Mas nem as situações, nem os encadeamentos de ações visadas pela expectativa podem também ser desde já objeto da experiência. O que distingue a experiência é o a ver elaborado acontecimentos passados, é poder torna-los presentes, o estar saturada de realidade, o incluir em seu próprio comportamento as possibilidades realizadas ou falhas. (KOSELLECK, 2006 p. 312)

Por meio da imprensa, pode-se verificar várias realidades, como um caleidoscópio, que distorce cores e imagens, pois cada escrita possibilita uma interpretação, tendo em vista que seus escritores seguem, muitas vezes, posicionamentos políticos, tendo inclusive seus próprios preconceitos, e assim cabe ao historiador não entender estes escritos como "o real", mas sim uma possível realidade possível.

Para empreender esta pesquisa foram escolhidos dois formatos impressos, sendo um jornal e uma revista, por dois motivos: a circulação nacional, ou seja, a chegada na casa de

vários brasileiros; e o acesso à fonte, pois os periódicos estão disponíveis para consulta em acervo on-line e em acervos físicos.

O jornal que será pesquisado, tem uma das maiores abrangências nacionais, que é *O Estado de São Paulo* lançado ao público em 1875 e teve grande circulação notadamente após a proclamação da república, tendo em vista que este era seu direcionamento político. Além disso este periódico aumentou gradativamente, com o passar do século XX, seu número de leitores. Sua história confunde-se com a história política, social e cultural do país à época, e por isso seu uso como documentação se justifica, atentando-se ainda para as possibilidades de análises acerca das pesquisas em arquivos físicos e virtuais, tendo em vista que O Estado de São Paulo possui seu material digitalizado e disponível online pelo site http://acervo.estadao.com.br/ bem como seu material físico presente no Arquivo Público do Estado de São Paulo.

Já a revista também editada em São Paulo, será a Revista Veja de variedades e notícias que teve seu início no ano de 1968 editada pelo Grupo Abril. A revista tem temas de abrangência nacional e internacional, como política, economia, tecnologias, variedades, etc. A Revista Veja apesar do pouco tempo de existência teve grande aceitação por um segmento da população brasileira, e o seu foco em plena guerra fria era de denunciar os males do comunismo, e posteriormente veio seguindo esta linha editorial. A revista ainda teve uma preocupação contra alguns abusos da ditadura civil-militar como as torturas e a censura, colocando-se de certa forma como imparcial. A Revista Veja possui seu acervo digitalizado e disponível online pelo site http://veja.abril.com.br/blog/acervo-digital/ bem como, é possível encontrar um acervo físico no Arquivo Público do Estado de São Paulo.

Por meio destes impressos, pretende-se verificar em seus variados protocolos de escrita, de que forma vão surgir (ou não), as ideias de futuro pautadas na microeletrônica. Pretende-se ainda encontrar e separar estes protocolos verificando seus principais colaboradores, e de que forma o destaque para tal está sendo colocado. Assim serão divididos entre os protocolos de escritas: as propagandas e anúncios; as colunas opinativas; as reportagens.

Ao tratar da publicidade nestes periódicos, pretende-se verificar como esta incute nos leitores a necessidade da escolha de determinados produtos. Assim pode-se perceber de que forma as tecnologias (micro)eletrônicas aparecem, se junto com elas vem ideias de futuro que

geralmente estão atreladas com o novo e a novidade. Além de perceber o que está financiando os jornais, tendo em vista que são as publicidades que geram uma receita necessária para que os periódicos continuem circulando.

Já nas colunas opinativas, pode-se verificar de que forma são apresentadas as questões sobre esse futuro que se anuncia e desta forma será possível estabelecer, caso haja estes investimentos, uma relação entre o saudosismo do passado recente e o dos tempos que se anunciam, tão comumente relacionados à tecnologia. Desta forma, buscarei separar estas colunas, dentro das suas décadas e separá-las por temas mais recorrentes, possivelmente entre: utopias e distopias.

Já as reportagens, podem revelar as novas tendências no mundo tecnológico, podendo assim pinçar aqui e ali nuances deste futuro que se anuncia. Ao recorrer às matérias pode-se analisar de que forma estas tecnologias estão entrando no cotidiano dos brasileiros, mostrando quem está consumindo, e como está consumindo.

Por ser uma fonte diversificada de protocolos de escrita, o trabalho com periódicos traz a necessidade de diferenciá-los, pois cada um contém uma ideia e uma representação da realidade. Como coloca Tânia Regina de Luca se faz necessário

> Identificar cuidadosamente o grupo responsável pela linha editorial, estabelecer os colaboradores mais assíduos, atentar para a escolha do título e para os textos programáticos, que dão conta de intenções e expectativas, além de fornecer pistas da leitura do passado e de futuro compartilhada por seus propugnadores. (DE LUCA, 2010 p. 140)

Para entendermos o nosso presente superpovoado, massificado, de objetos tecnológicos de consumo, tais quais citados no início, como os celulares e computadores se faz necessário olhar para o passado buscando compreender qual cenário foi desenhado e qual realmente se delineou. Busca-se estabelecer uma relação entre o horizonte de expectativa e a real configuração da sociedade em cada momento, se atentando para o que Francisco Assis de Queiroz chama atenção:

> Uma série de estudos sobre economia e sociedade não levam em conta elementos fundamentais para a configuração histórico-social da realidade. Não existem muitos estudos sobre a maneira como a indústria ou o consumo de produtos das tecnologias de informação contribuíram para esta configuração. (QUEIROZ, p.53 2007)

Compreender por meio de um olhar do presente, de que forma o futuro-passado das tecnologias eletrônicas foi posto pela imprensa brasileira nas décadas de 1970, 1980 e 1990. Este período que perpassa pela da Revolução Microeletrônica e vai até o Bug do Milênio (1999-2000). Sonhos utópicos e distópicos acerca da microeletrônica foram revelados e possivelmente incorporados nas representações acerca de futuro, construindo horizontes de expectativas possíveis. Estes periódicos são construtores variados de futuros possíveis.

Referências

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas.** Vol. 1. Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BLADE RUNNER: O caçador de Andróides. Direção: Ridley Scott. Produção: Michael Deeley. EUA: Warner, 1982. Cor. 118 min. DVD 3 discos Edição Especial. 2007.

CHARTIER, Roger. **A História ou a leitura do tempo.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

CHAUVEAU, Agnès; Tétart, Philippe (Org). **Questões para o presente**. Bauru, SP:EDUSC, 1999.

DE LUCA, Tânia Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezin (org). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2010. P. 111-153.

DE VOLTA PARA O FUTURO: parte II. Direção Robert Zemeckis. Produção: Neil Canton e Bob Gale. EUA: Universal Pictures, 1989. Cor. 108 min.

GIL, Gilberto. Parabolicamará In: Parabolicamará. Warner Music, 1992.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC – Rio, 2006.

MAD MAX. Direção: George Miller. Produção: Byron Kennedy. Austrália: Warner, 1979. Cor, 92 min. DVD 1 disco Edição Especial de Colecionador, 2005.

NORA, Pierre**.** Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: **Projeto História.** São Paulo, nº 10, p. 7-28, dez. 1993.

OS Mutantes In: Mutantes. Polydor, 1969.

QUEIROZ, Francisco de Assis. **A Revolução Microeletrônica**: Pioneirismos e utopias tecnotrônicas. São Paulo: Annablum; Fapesp, 2007.

RIOUX, Jean-Pierre. Pode-se fazer uma história do presente? In: CHAUVEAU, Agnès; Tétart, Philippe (Org). **Questões para o presente**. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

SEVCENKO, Nicolau. **A corrida para o século XXI:** no loop da montanha-russa. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
VIRILIO, Paul. **O espaço critico:** e as perspectivas do tempo real. Ed. rev. e aum. pelo autor. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.